

BAYERN |

A escalada da segunda divisão até o topo do país

BRAGA |

Os planos do clube que quer ser a terceira força nacional

TCHÉQUIA |

Um relato de viagem sobre o inacessível futebol tcheco





Relvado é

Redação e Revisão

Felipe Portes, @felipeportes5

Fernando Cesarotti, @cesarotti

Jessica Miranda, @jessmirandinha

Murillo Moret, @moret_

Wladimir Dias, @WladDias

Arte e Diagramação

Felipe Portes e Nayara Perone, @corinthiana

Agradecimentos

Alcindo Sartori, Gerd Wenzel e

João Lobo Monteiro

EXPANDINDO HORIZONTES

A Relvado chega à sua terceira edição com uma pegada diferente. A proposta de contar histórias segue viva, explorando sua verve, mas de maneira mais leve e próxima dos acontecimentos. Ouvimos vocês, caros leitores, dando continuidade ao processo de evolução, na busca incessante pelo produto ideal.

Dessa vez, não faremos revoluções gráficas e nem vamos propor o inverso das primeiras edições. Esperamos ter encontrado o que entendemos por caminho ideal dentro dos recursos que temos, além, claro, do tempo disponível para empregar nas tarefas do projeto. É um momento de transição para todos nós, membros da Relvado, e precisamos que os leitores se aproximem dessa missão bimestral que estamos cumprindo.

Depois de muita conversa, resolvemos deixar a revista um pouco mais enxuta e variada. Todo esse processo que nos trouxe até aqui, tem sido um grande aprendizado. E, assim, em vez das cento e muitas páginas, algo difícil de ser lido numa plataforma digital, voltamo-nos às sessenta e poucas, aumentando o leque de assuntos, evitando que a publicação se torne arrastada.

Mas a grande novidade, certamente, é o empenho em trazer personagens. Para aqueles que estão à margem da grande mídia, ainda é difícil entrevistar ex-jogadores dispostos a abrir seus baús de lembranças para o público. Nesse contexto, surgiu no fim do túnel a figura de Alcindo Sartori, nosso primeiro entrevistado célebre na Relvado.

Junto com ele, trouxemos outras fontes que vão ajudar a contar essas histórias com conhecimento de causa e testemunhos inéditos. Ainda é só o começo da nossa revolução dentro da própria Relvado. Sabemos que não será fácil fazer com que outros jogadores falem conosco, mas é aquela história: ninguém nunca obteve sucesso sentado esperando a oportunidade cair no colo.

Estamos criando oportunidades e construindo nossa identidade. A Relvado #3 é o prenúncio do que há por vir. A Relvado “vai para a rua”, como se exige de um bom veículo jornalístico. Mesmo em tempos duros como estes.

ÍNDICE

5



8



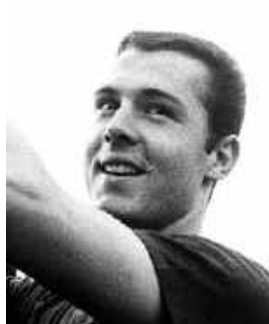
12



19



24



32



38



47



56



- 5** UM DINAMARQUÊS EM FUGA
- 8** GLÓRIA EM APENAS TRÊS TOQUES
- 12** O BANCO QUE ABALOU AS ESTRUTURAS DO FUTEBOL BRASILEIRO
- 19** A REPÚBLICA TCHECA É PARA POUCOS
- 24** CONSTRUINDO A MAIOR HEGEMONIA DA EUROPA
- 32** O MENTOR DO HEAVY METAL DE KLOPP
- 38** A AFIRMAÇÃO DA QUARTA FORÇA DE PORTUGAL
- 47** A HISTÓRIA DA J-LEAGUE SEGUNDO ALCINDO SARTORI
- 56** ENTREVISTA COM ALCINDO SARTORI



INGLATERRA | POR FELIPE PORTES

UM DINAMARQUÊS EM FUGA

Como a carreira brilhante de um craque do Liverpool foi arriscada por um caso de polícia

Fevereiro de 1988. Um rico e bem-sucedido dinamarquês dirige sua BMW M3 até o centro da cidade em Liverpool, para uma noitada em uma boate com os amigos. Na saída, depois de alguns (ou muitos) drinks, o sujeito pega o carro e o caminho para casa. Um adendo: ele não tem andado muito feliz com aprópria vida ou com os rumos de sua carreira profissional.

Afastado de suas funções temporariamente, por causa de uma fratura na perna, está em fase final de recuperação. Seu rosto é bem conhecido das pessoas que passam pela cidade de Liverpool todos os dias. Há quem o considere um herói.

Acompanhado de longe por policiais, o escandinavo nota que será parado em breve pelas autoridades. Seu histórico e relação com a bebida pesam e ele começa a ser perseguido.



Em alguns segundos, o motorista da BMW decide que não vai encostar. No mundo dos filmes, eventualmente, o mocinho é tentado a ser vilão por um dia, apenas para saborear como é ser caçado. E como nas películas, o impulso transgressor não pode ser barrado. Ao contemplar a sua situação e quais seriam as saídas mais prováveis para aquele lapso de dirigir alcoolizado, o homem age.

Acelerando ao máximo e se aproveitando da tranquilidade na estrada durante aquele horário, o cidadão escapa com sucesso dos policiais, em pouquíssimo tempo. Ele chega em casa, são, salvo e safo. A placa estrangeira do carro, no entanto, fica na memória dos oficiais que o perseguiram durante o primeiro trecho.

No dia seguinte, de volta ao trabalho, continua tudo normal. Mas um simples suco de laranja acabou mudando o resto da vida daquele dinamarquês. Uma parada breve em um pub, para matar a sede, selou seu destino. Tudo que ele teve tempo para fazer foi pagar e beber alguns goles. Antes mesmo de terminar o copo, foi abordado por oito policiais agitados. Ali mesmo, sob os olhares de um público, que, indubitavelmente, já havia passado tardes a aplaudi-lo, Jan Molby, astro do Liverpool, era detido.

A carreira de Jan, presente na Copa do Mundo de 1986 e membro da inesquecível Dinamáquina, já havia sido interrompida por uma fratura na perna e o novo desdobramento quase arruinou o meia. Depois de se declarar culpado e de ser submetido a julgamento, o atleta dos Reds foi condenado a três meses de prisão. Durante aquele tempo, só jogaria pelo time dos detentos de Kirkham, penitenciária próxima à cidade de Blackpool.

Liberado após seis semanas, Molby ganhou mais uma chance e teve seu contrato renovado pelo Liverpool. O episódio da prisão ficou para trás e o craque recuperou a forma, participando dos títulos do campeonato inglês de 1989/90 e da Copa da Inglaterra, em 1991/92. No fim das contas, foram as lesões e a má forma física (estava sempre acima do peso) que mais pesaram para que ele perdesse o passo no início da década seguinte, até a dispensa do clube em 1996 e o conseqüente vagar por Barnsley, Norwich City e Swansea.



NOSSOS CLÁSSICOS | POR FELIPE PORTES

GLÓRIA EM APENAS TRÊS TOQUES

**Uma lembrança do belíssimo jogo entre
Holanda e Argentina na Copa de 1998**

Não era a primeira vez que se encontravam em Mundiais. Foram vinte anos até que houvesse um novo capítulo na história entre os dois países. Em Marselha, o dia 4 de julho de 1998 reservou fortes emoções para Holanda e Argentina; dois times que poderiam muito bem brigar pela taça, de igual para igual, com qualquer outra seleção.

Quis o destino que os finalistas da Copa do Mundo de 1978 fizessem um jogo nas quartas de final da edição disputada na França — e que o vencedor enfrentasse o Brasil no penúltimo compromisso daquele torneio.



Se há uma palavra que pode definir o clássico entre holandeses e argentinos, essa palavra é vingança, porque a glória da albiceleste em 78 não teria o mesmo gosto para Mario Kempes e seus escudeiros se não fosse pela surra imposta por Johan Cruyff e seus colegas quatro anos antes, no Mundial da Alemanha. Sequer teria o mesmo requinte de crueldade para Dennis Bergkamp e companhia, que esperaram duas décadas para dar o troco.

Os de laranja chegaram motivados e a atmosfera era especial. Fazia muito sol no estádio Vélodrome e um dos melhores públicos daquela edição do Mundial estava lá para presenciar o duelo. Desde o início, os holandeses se lançaram ao ataque, como manda a cartilha do futebol do país. Já nos primeiros lances de impacto veio uma amostra do que seria aquela eliminatória.

O meio-campista Wim Jonk pegou a sobra de um chute de Phillip Cocu e carimbou a trave de Carlos Roa, o arqueiro da rival Argentina, que escapou por pouco. Porém, ela não teve a mesma sorte quando Patrick Kluivert, o poderoso centroavante daquela geração, recebeu a bola dentro da área, aos 12 minutos: Ronald De Boer carregou a pelota desde o meio, lançou-a a Bergkamp, que se jogou de cabeça para dar a assistência. Kluivert só teve o trabalho de empurrá-la para a rede na saída do goleiro.

A resposta argentina não tardou. Cinco minutos se passaram entre o primeiro gol e o empate dos hermanos, um oferecimento de Claudio López, que teve enorme frieza para encarar Edwin van der Sar no mano-a-mano e tocar rasteiro por entre as pernas do goleiro holandês. Um empate de classe, à altura do que o clássico merecia.

Em bolas na trave, os argentinos também igualaram. Ariel Ortega, com espaço na intermediária, testou a atenção de Van der Sar com um canhão que explodiu no poste e assustou a retaguarda laranja. O calor não impediu que as equipes se atacassem em qualquer oportunidade. Era difícil dizer quem merecia mais a vitória, mesmo 20 anos depois.

Na volta do intervalo, outro lance despertou a atenção das arquibancadas: Gabriel Batistuta limpou a marcação, entrou na área holandesa e mandou um chute quase perfeito. Quase.

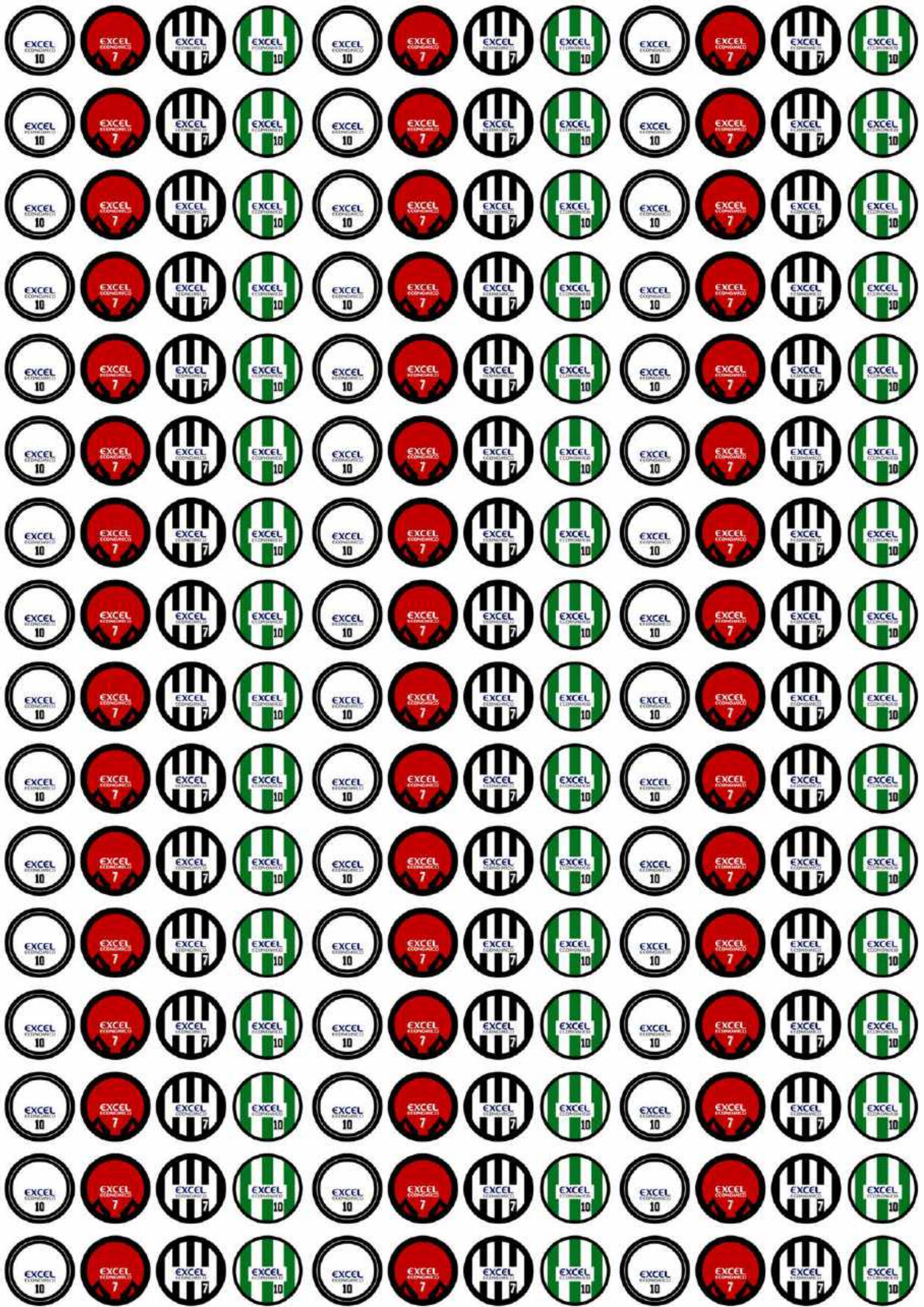


A bola se chocou contra a trave e a Argentina sentiu que poderia ficar em vantagem para definir o confronto. Mas o placar permaneceu inalterado até os cruciais minutos derradeiros da segunda etapa.

A expulsão do defensor alaranjado Arthur Numan, por falta em Diego Simeone, parecia indicar que a Albiceleste tomaria a frente, mas, restando três minutos para o fim, Ortega deixou a Argentina também com 10 atletas em campo, após simular um pênalti e agredir Van der Sar. Mais do que nunca, estava tudo igual. A tensão crescia enquanto a prorrogação com gol de ouro se aproximava. Quem derramaria a última gota de sangue do rival com um golpe fatal?

De garçom a herói, Bergkamp recebeu com maestria uma bola longa dada por Frank de Boer, de trás do meio campo. Acompanhado pelo beque Roberto Ayala, o holandês fez um dos lances mais espetaculares de sua vida. No primeiro toque, amorteceu o passe. No segundo, cortou para dentro da área, tirando seu marcador da jogada. O terceiro, para sacramentar, foi um chute potente no canto superior da meta de Roa.

[Esse foi um golaço que é melhor apreciado com a narração em holandês de Jack Van Gelder.](#) Não é preciso entender o que ele diz para se arrepiar com a importância e a plástica do gol que colocou a Holanda nas semifinais em 1998, contra o Brasil. Graças a Bergkamp, a Laranja eliminou um de seus maiores nêmesis, reacendendo uma rivalidade entre duas escolas de futebol que alteraram a ordem mundial do esporte, para o bem ou para o mal.



BRASIL | POR WLADIMIR DIAS

O BANCO QUE ABALOU AS ESTRUTURAS DO FUTEBOL BRASILEIRO

Como o investimento do Banco Excel no fim da década de 1990 alterou a ordem dos grandes clubes nacionais

Os anos 90 foram dos mais marcantes para a história do futebol paulistano. No início da década, o Palmeiras firmou uma das parcerias mais impactantes da história dos gramados brasileiros.

Impulsionado pelos investimentos da Parmalat, empresa do ramo alimentício, o alviverde parecia imbatível na mesma medida em que o dinheiro da parceira aparentava não ter fim. Foi assim que seu torcedor pôde se deleitar com a distinção técnica de jogadores como Edmundo, Djalminha, Rivaldo, Edílson, Evair, Roberto Carlos, Freddy Rincón e Luizão.



Seu rival, o Corinthians, havia sido campeão nacional em 1990, mas aquele time vencedor não chegava nem perto de ter a categoria que o rival desfilou pouco depois — mesmo que contasse com a melhor versão do craque Neto. Ainda na primeira metade da década, o Timão venceria a Copa do Brasil, em 1995, e o estadual do mesmo ano. Mas faltava o brilhantismo que sobrava no rival. Aqueles eram times bons do alvinegro, mas não entrariam para a História sem as conquistas.

Quatro times para o dinheiro transformar

Porém, a partir de 1997, começaram a ser mudados os rumos da disputa particular entre os rivais paulistanos. O Banco Excel, que absorvera o soteropolitano e falido Banco Econômico, decidiu apostar suas fichas no futebol. Assim, selecionou quatro clubes que viviam momentos diferentes para fazer investimentos e projetar sua influência. Os eleitos foram Corinthians, Vitória e América Mineiro, de início, e o Botafogo, começando em 1998.

O primeiro grande negócio, porém, acabou sendo lembrado muito mais por seu efeito midiático do que pelos resultados em campo. Quem poderia ser melhor para chamar atenção e holofotes do que o folclórico atacante Túlio Maravilha?

Pouca gente. Ciente disso, o banco investiu na compra de seus direitos e, curiosamente, o tirou de seu futuro parceiro carioca, enviando-o para o time paulista. Como não podia ser diferente, o impacto foi imediato. O carisma do artilheiro o fez capa da Revista Placar, do mês de fevereiro de 1997.

A tradicional publicação brasileira informou, inclusive, o quanto havia sido gasto na contratação do centroavante: quatro milhões de reais, números estratosféricos para a época. Mas o banco não centrou seus investimentos apenas no Timão.

Logo de início, foram 16,5 os milhões de reais investidos no futebol, cifras que levaram Bebeto, Chiquinho e Russo ao Vitória; além de Fábio Augusto, Sangaletti, André Luiz, Donizete, Romeu e Fernando Diniz para São Paulo. Porém, a aposta em Túlio não foi tão frutífera dentro dos campos. No mesmo ano, depois de amargar a reserva, começou seu périplo pelos times que recebiam

dinheiro do Excel. Primeiro, foi para o Vitória e, no ano seguinte, retornou ao Botafogo. O Corinthians até conquistou o Paulistão de 1997, mas a 17ª posição no Brasileirão indicou que o banco não havia alcançado grande coisa. É bom que se diga que o clube paulista sempre foi o maior contemplado pelo dinheiro da parceria.



Construindo um grande campeão

Os rumos precisavam ser mudados rapidamente, o dinheiro investido não estava trazendo retorno e os atletas envolvidos não ganharam valorização. Para isso, foi buscado o arquiteto do grande time do Palmeiras na primeira metade da década de 90, o treinador Vanderlei Luxemburgo, que estava no Santos. Como informou a Folha, no final de 1997, o Excel bancou a contratação e se propôs a dividir com a equipe o pagamento dos salários do comandante, em um contrato de dois anos.

Alguns ativos do banco mudaram de ares, Fábio Augusto, por exemplo, passou ao Botafogo. E grandes negócios foram confirmados. Como que da noite para o dia, desembarcaram no Corinthians os dribles de Edilson (aquele mesmo que brilhara com as cores do Palmeiras), a força e liderança de Vampeta e a classe de Carlos Gamarra.

Rincón já havia chegado antes e Ricardinho veio depois. E assim nasceu o grande campeão brasileiro de 1998, somadas também algumas peças da base, como os laterais Índio e Sylvinho, além de um craque que retornou de uma aventura mal-sucedida na Espanha, Marcelinho Carioca.

O título nacional de 1998 foi o mais expressivo resultado esportivo obtido pelo Banco Excel, ainda que esse já não existisse ao final da competição. Mas nada acontece tão rapidamente sem acarretar consequências.

O prejuízo de 44,2 milhões de reais constatado nos balanços de 1997 já indicava que o fim estava próximo. Dessa forma, em maio de 1998, insolvente, a instituição foi incorporada ao Banco Bilbao Vizcaya.

Quando o título foi consumado, o banco já não existia, mas não há como contestar seu papel na conquista, sobretudo quando Edílson, um de seus ativos mais valiosos, foi eleito o melhor jogador do ano no país, levando o prêmio Bola de Ouro, oferecido por Placar. Entretanto, como dito, não foi só o Corinthians que foi contemplado pela atuação do Excel.

Talento europeu na Bahia

Um dos negócios mais improváveis da história do futebol brasileiro (e que veio a ter uma continuidade ainda mais inacreditável) só foi possível com a intervenção da parceira. Em 1997, desembarcou em Salvador, para vestir a camisa do Vitória — que venceu tanto o Campeonato Baiano quanto a Copa do Nordeste no período —, um jogador iugoslavo.

Direto do Real Madrid, Dejan Petkovic, que havia se destacado em torneio amistoso disputado por espanhóis e baianos, foi emprestado ao clube brasileiro, com a taxa do negócio e o salário do atleta custeados pelo banco (que, no longo prazo, não honrou com seus compromissos, endividando o time).

Depois de dois anos de idolatria no estádio Barradão, Pet foi vendido ao Venezia — as cifras envolvidas abatendo a dívida do rubro-negro com o Madrid —, um negócio que durou pouco, já



que o meia havia sido mordido pela mosquinha do Brasil. Em 2000, voltou ao país para vestir a camisa do Flamengo.

O craque ainda jogaria por Vasco da Gama, Fluminense, Santos, Goiás e Atlético Mineiro, antes de encerrar sua brilhante trajetória novamente no Fla. Hoje, o atleta que só chegou às terras tupiniquins por meio do dinheiro do Excel, continua vivendo no país. E esse é outro impacto da atuação do banco no futebol brasileiro.

Êxitos também em Minas e no Rio e condenação judicial

Com Bebeto e Túlio no ataque (se reencontrando após formarem dupla no Vitória), em 1998 o Botafogo conquistou o torneio Rio-São Paulo, que após uma interrupção de mais de 30 anos, ressaltada a edição isolada de 1993, voltara a ser disputado em 1997.

Já o América Mineiro pode até ter sido considerado pela Folha o único fracasso do Banco Excel, em abril de 1997, mas logo essa realidade também se alterou. Impulsionado por um contrato de

1,6 milhão de reais, o Coelho contratou o experiente volante Pintado e o atacante Sílvio. Por meio da intervenção da parceira, conseguiu melhores condições de empréstimo e buscou Tupãzinho no Corinthians.

Chegaram ainda Boiadeiro e Ronaldo Luís e os mineiros conquistaram o título da segunda divisão nacional naquele ano. Fracasso? Nada disso, como lembrou o zagueiro Dênis, mais tarde, ao portal Superesportes: “O América fez uma parceria com o banco Excel que viabilizou a contratação de bons reforços. E aí os que subiam da base completaram o grupo”.

A atuação direta do Banco Excel no futebol brasileiro não durou muito tempo. Todavia, foi intensa e marcante. Teve altos e baixos, gerou enormes prejuízos à empresa, mas os investimentos, principalmente no caso do Corinthians, tiveram impacto absurdo. Foi também bastante obscura, como se notaria mais tarde.

Em 2006, o Estadão noticiou que sete anos após o Ministério Público da Bahia denunciar diretores do banco, a Justiça condenou três deles por gestão temerária, incluindo o ex-presidente da instituição, Ezequiel Nasser. Segundo o MP, entre 1997 e 1998, o patrimônio do banco teria sido destruído, com prejuízos superando a casa dos 120 milhões de dólares. Além disso, supostamente, foram concluídos empréstimos em condições irregulares, sem a prestação de garantias. Por fim, o controle acionário do banco teria passado às mãos do Banco Bilbao Viscaya pela quantia simbólica de R\$ 1,00. No fim das contas, as penas acabaram convertidas em prestação de serviços à comunidade.

Voltando aos campos, o ano de 1997 pode não ter sido dos sonhos para os paulistas, mas projetou 1998, 99 (quando o clube ainda conquistou o bicampeonato nacional) e 2000 — inesquecível para o torcedor alvinegro, que viu seu time ser campeão mundial.

Vitória, Botafogo e América também levantaram taças. Assim, a conclusão objetiva é uma só: em diferentes graus, e mesmo que nem tudo tenham sido flores no curso das parcerias, todos os quatro times parceiros do Excel foram beneficiados pelos controversos investimentos. Ao menos dentro das quatro linhas, o dinheiro prosperou.



REP. TCHECA | POR MURILLO MORET

A REPÚBLICA TCHECA É PARA POUCOS

Um recorte sobre futebol, sociedade e sobre quando as coisas não acontecem do jeito previsto

Não tinha internet no celular, então precisei me enfiar no quarto do hotel, jogando tudo de lado, para ver se estava realmente marcado. Email enviado, resposta recebida: “te espero após o fim do jogo. Procure por mim e te coloco na zona mista”. Chave do carro, carteira, câmera, celular, endereço no GPS. Simbora.

A rua era larga, e o local tinha um estacionamento amplo. As vagas estavam desocupadas, em sua maioria. Verifiquei se o endereço batia - e se estava no lugar certo, supostamente. Fechado.



Era um grande ginásio. Não havia cabimento em ter uma partida de futebol ali. “Me passaram para trás, bicho”. Aí me virei, olhei para o outro lado da rua e vi o Mestsky ao fundo. Nunca me senti tão estúpido. Os torcedores do Banik Ostrava saíam aos montes.

No portão, o primeiro veto. Corta para o dia anterior.

Cheguei à República Tcheca com duas entrevistas fechadas e outra possível em aberto. Semanas antes, Ostrava e Jablonec haviam dado sinal verde para conversar com os meio-campistas Dyjan de Azevedo e Daniel Rossi. O novato Joel Vinicius dos Anjos, atuando pelo Frydek-Mistek, ficaria como suplente.

Toda a ideia fora construída no Carnaval de 2016: as férias estavam programadas e por que não, então, juntar o útil ao agradável? A pauta inicial era falar sobre a vida e experiências de jogadores que optaram por sair do Brasil em momentos distintos de carreira e campeonatos.

Azevedo saiu do Potunduva, no interior paulista, para o futebol húngaro aos 20 anos, enquanto Rossi, cria do São Paulo, passou por Avaí, Rio Claro e Kawasaki Frontale antes de estabelecer vínculos com os tchecos.

Queria entender, na verdade, como o esporte da antiga cortina de ferro havia os auxiliado nos crescimentos esportivos e pessoais. Sobretudo após conversar com o atacante Daniel Bueno, à época no Flamengo-SP. Sobre o tipo de jogo que experimentou ao ser contratado pelo Sigma Olomouc em 2006, contou: “[Era um futebol de] muita força; muita bola alçada dentro da área. Você precisa sempre estar preparado. Quando cheguei, a comissão técnica achou que eu ainda estava fraco. Eles prepararam um treino na academia para ganhar corpo porque o futebol tinha muito contato”.

Dez anos depois, a situação era um pouco diferente. Michal Petrak, por exemplo, declarou que as temporadas mais recentes foram de evoluções positivas, com times mais inclinados ao jogo ofensivo. “Talvez seja um bom lugar para um jogador crescer porque o nível da liga melhorou. Além disso, não existe a pressão, pois a competição não é grande como uma Bundesliga.



“Acredito que atletas da América do Sul e África conseguem usar a Tchéquia como o primeiro passo para alcançar clubes maiores na Europa”, afirmou o jornalista do Denik Sport.

A fachada do Mestský (ou Estádio Municipal, em tradução literal) é bem bonita: completamente vermelha, um contraponto à cor primária – o azul – da equipe. A industrial Ostrava me pareceu uma cidade bem pacata, mas, quanto mais longe de Praga, mais difícil era a comunicação em inglês – com exceção das turísticas Plzeň, Karlovy Vary e Ceský Krumlov. Na capital, aliás, já existe certa dificuldade na compreensão quando você não é um turista de lojas.

O primeiro segurança que abordei na entrada do estádio não entendeu minhas palavras. Tentei buscar alguém nas bilheteria com a vaga esperança de encontrar bilíngues. Ninguém. De novo, no portão, outro segurança. Nada. Aparece uma moça que sabe arranhar outra língua. “Dobrý večer [já estava craque em dar boa tarde], o assessor disse que meu nome estaria liberado aqui na portaria”.

A minha agenda estava riscada com a programação. Ainda pela manhã, Jablonec nad Nisou, com o time jogando logo após o almoço. Carro. Estrada por quatro horas. Ostrava, Dyjanský e um pulo rápido na cidade vizinha.

Era o dia em que estava escrito que tudo daria errado. Para começar, no início da noite anterior, o pessoal do Jablonec havia cancelado a entrevista com Rossi. “Tem como ser outro dia?”, perguntei. “Agora só na semana que vem”, responderam. A segurança do Banik, que fez o chamado à equipe interna, retornou com a seguinte notícia: “moço, desculpe, mas seu acesso não foi liberado”. Retruquei afirmando, novamente, que tinha conversado com a assessoria. “Prominte (desculpe-me)”.

Saí desmotivado e sem qualquer relato de Azevedo sobre hooliganismo – causados por parcelas pequenas dos grupos de torcedores mais fanáticos – ou xenofobia (“Às vezes minha filha chegava perto e as mães tiravam as crianças de perto. Você sabe como é: as crianças só querem brincar. Isso me machucava”, me contou Rossi após fazer um hat-trick em Flamengo x Barueri, pela Série A3 do Paulistão 2016).

No avião, ao completar as férias, entendi que preciso aprender algo mais que o básico de conversação. E ainda assim pode dar errado, às vezes. Mas esse relato não existiria sem os pés na bunda.

Ah! Naquele 23 de abril tinha acontecido mais uma derrota do Banik Ostrava. Vi os melhores momentos assim que cheguei ao hotel. Foi um 2 a 0, com gols de Marek Bakos e Jan Sykora. Aquela era mais uma derrota do lanterna da Synot Liga, que terminou a temporada com o passaporte para a divisão de acesso.





ALEMANHA | POR WLADIMIR DIAS

CONSTRUINDO A MAIOR HEGEMONIA DA EUROPA

A equação encontrada pelo Bayern para dominar o futebol alemão por completo

O futebol alemão se divide em dois períodos, um anterior e outro, posterior, à fundação da Bundesliga — o campeonato nacional nos moldes atuais. Tal fato aconteceu em 1962, com a primeira edição se iniciando no ano seguinte. Até então, havia futebol do país, mas não existia uma competição unificada. Eram disputados torneios regionais e, ao final, os melhores colocados de cada um deles se digladiavam pelo posto de campeão.

Nessa época, o Bayern de Munique era só mais um clube no cenário alemão. Ainda que tivesse chegado ao lugar mais alto no pódio em 1931/32, tal fato se mostrou isolado. No país, as forças que mandavam no futebol eram Nürnberg (com oito glórias) e Schalke 04 (sete) — com Borussia Dortmund, Hamburgo, Lokomotiv Leipzig e Greuther Fürth mais atrás, com três conquistas.



Os bávaros sequer disputaram as duas primeiras edições da Bundesliga, ficando à sombra de seu rival local, o Munique 1860.

Do nazismo à base

Há, entretanto, um adendo que precisa ser feito: o Bayern era um clube de bases judias. Quando o holocausto se iniciou, a equipe tinha um presidente e um treinador judeus. Além disso, como noticiaram os ingleses do Guardian, dois dos dezessete fundadores do clube eram também judeus. Isso acabou por condicionar um período de perseguições ao clube, que certamente não contribuiu para a obtenção de melhores resultados durante um longo período.

“O Bayern foi desacreditado com um clube judeu pelos nazistas, mas resistiu [...] Em 1934, jogadores do clube estiveram envolvidos em uma briga com os Nazistas. Dois anos mais tarde, o ponta Willy Simetsreiter deixou clara sua posição sendo fotografado com Jesse Owens [ex-atleta negro dos EUA], que havia enfurecido Hitler, vencendo quatro medalhas de ouro nas Olimpíadas de Berlim.

O lateral Sigmund Haringer escapou por pouco da prisão por chamar uma parada nazista de ‘teatro infantil’, e o capitão, Conny Heidkamp, e sua esposa, esconderam os troféus do Bayern quando outros clubes apresentaram um apelo ao Reichsmarschall Hermann Göring para doar metal para os esforços da guerra.

O ato mais simbólico de desafio ocorreu em Zurique, em 1943. Após um amistoso contra a seleção suíça, os jogadores do Bayern se perfilaram para cumprimentar o exilado [Kurt] Laudauer [ex-jogador e presidente do clube] nas arquibancadas”.

O acesso à divisão de elite veio apenas em 1965 e, logo na estreia, em 1965/66, o Bayern fez uma temporada memorável. Não era para menos: o jovem elenco treinado pelo também iniciante treinador iugoslavo Zlatko Cajkovski (que vinha de bom retrospecto com o Colônia) tinha peças de incontestável talento e que seriam fundamentais para elevar o status do time. Dentre os jogadores que o clube alinhava havia pelo menos três que veriam, após, seus nomes eternizados na história do futebol germânico e no Bayern.



Aos 20 anos, Franz Beckenbauer (foto) podia ainda não ser o Kaiser, mas já estava em vias de se transformar nele; lá atrás, debaixo dos paus, Sepp Maier, 22, mostrava as credenciais que o fariam conhecido por seus reflexos de felino; e, na frente, Gerd Müller, também 20, anotava os primeiros tentos que lhe renderiam a reputação de Bomber. Este, aliás, era o único que não havia sido formado nas categorias de base bávaras, que foram olhadas com carinho diante de algumas dificuldades econômicas pelas quais passava o Bayern.

Na primeira campanha na Bundesliga, o Bayern terminou a competição na terceira posição, três pontos atrás de seu rival, o 1860. Mas não foi só isso. O clube conquistou a Copa da Alemanha, vencendo o Meidericher SV, na finalíssima, em que Beckenbauer fechou o placar: 4 a 2. O êxito nacional levou o clube à disputa da Recopa Europeia do ano seguinte — apenas a segunda competição internacional disputada pela equipe, que anteriormente jogara a Copa das Feiras de 1962/63.

Também não foi por acaso que Beckenbauer e Maier foram convocados por Helmut Schön para a disputa da Copa do Mundo

de 1966. O primeiro não só foi titular como teve tanta importância que integrou o time da competição, após o polêmico vice-campeonato germânico.

Ninguém se esquece da controvérsia a respeito de um gol da Inglaterra, rival na ocasião, em que a bola não teria entrado no chute de Geoff Hurst, na prorrogação.

Desenvolvendo um vício: vencer

O título da copa nacional foi o combustível de que os bávaros precisavam para começar uma evolução que nunca parou de acontecer, embora, inevitavelmente, tenha havido momentos de menor brilho no curso dos anos. Logo, o time conquistou mais um título, levantando a taça da Recopa, batendo os escoceses do Rangers, com gol de seu touro e outro símbolo dos anos dourados do clube, o meio-campista Franz Roth — também cria da casa. O time logo começou a construir duas reputações: a de clube copeiro e a de possuir uma das mais prolíficas bases da Europa.

No mesmo ano, o Bayern emplacou mais uma conquista da Copa da Alemanha, o que se repetiria mais uma vez naquela década. O mais importante, entretanto, foi o time conseguir mostrar que podia ser mais do que copeiro.

Já sob o comando de Branko Zebec, outro eslavo (responsável por mudar a abordagem tática do time, deixando o ataque feroz de lado em prol de uma organização maior), o Bayern venceu a Bundesliga de 1968/69 (e a copa).

Logo, em 70 o clube deu mais passos rumo à hegemonia que foi forjando. Para o comando da equipe, os bávaros buscaram o ex-auxiliar técnico da Alemanha, Udo Lattek, que na sequência colocou no mundo mais dois talentos incontestáveis: Paul Breitner e Uli Hoeness.

Vale fazer menção ao fato de que a ascensão do clube acompanhava a da cidade de Munique. Reconstruída após a Segunda Guerra Mundial, a capital da Baviera dava passos largos para deixar os terrores das décadas marcadas pelo Nazismo para trás e se preparava para ser o epicentro do planeta em 1972,

quando receberia os Jogos Olímpicos (também marcados por cenas que estarreceram o mundo, com um ataque à delegação de Israel).

O ambiente local era animador e propício para a construção de um clube de dimensões globais. Como disseram os alemães do Spiegel, o país deixava uma época de “perdas massivas para novos inícios” e Munique estava no centro disso.



Divulgação/Bayern

Da Alemanha para a Europa

A trajetória bávara rumo ao topo continuou — e nunca parou. Após presenciar a ascensão do Borussia Mönchengladbach, que conquistou o título alemão em 1970 e 71, o Bayern dominou a cena nacional e europeia.

Com um time titular consolidado, que qualquer torcedor da época e dos tempos vindouros é capaz de alinhar, os bávaros começaram a bater no time de Jupp Heynckes, Berti Vogts e Günter Netzer. Logo, veio o tricampeonato nacional, em 1972, 73 e 74, ano em que surgiu mais um talento inesquecível do clube, Karl-Heinz Rummenigge.

E, então, começaram as batalhas continentais. Em 74, o primeiro título da Copa dos Campeões veio após uma batalha de 210 minutos contra o Atlético de Madrid em Bruxelas. O primeiro jogo terminou 0 a 0 e foi para a prorrogação, quando Luis Aragonés abriu o marcador para os Colchoneros, seis minutos antes do final da partida.

Mas, enquanto houve tempo, a luta bávara não cessou. Segundos antes do final, o zagueiro Georg Schwarzenbeck empatou o encontro. Veio o jogo extra e o ocaso madrilenho: 4 a 0. Hoeness e Müller foram às redes duas vezes cada. Essa conquista ajudou a cunhar outra reputação do Bayern — esta comum também à seleção alemã: a de clube de espírito imperturbável.

Em 75, Roth e Müller, com um gol cada, tiraram as possibilidades de título do Leeds United; e, em 76, foi um gol solitário de Roth que proferiu a sentença aos franceses do Saint-Étienne. Depois de Real Madrid, na década de 50, e Ajax, no início dos anos 70, o Bayern passou a integrar o rol dos clubes que haviam conquistado três títulos consecutivos do maior torneio europeu de clubes.

Daí em diante, o time até viveu épocas de menor prestígio, mas nunca passou mais de quatro anos sem conquistar um título — e a espera quadrienal só aconteceu duas vezes: entre as temporadas 1976/77 e 1979/80 e 1990/91 a 1993/94.

Fidelidade às pessoas e aos princípios

É claro que após a geração de ouro, que começou a ser construída nos anos 60 e viveu auge em meados da década seguinte, houve momentos mais difíceis. Não é à toa que os bávaros só voltaram a vencer o principal torneio europeu, em 2000/01, quando já mudara seu formato, passando a se chamar Liga dos Campeões.

Houve momentos de crise, em que se disse que o Bayern refletia a seleção alemã, sendo um clube com chegada às decisões, mas demasiado pragmático. Porém, sempre que recorreu às suas bases, a equipe obteve êxito. E, a partir de meados dos anos 2000, o time começou a se consolidar no rol dos três, quatro mais poderosos do planeta. Curiosamente, ou não, foi nessa época em que surgiram jogadores como Philipp Lahm, Bastian Schweinsteiger, Toni Kroos,



Thomas Müller e David Alaba e o clube voltou a conquistar a Europa, em 2013. Do lado de fora dos campos, no período entre 1994 e 2009, o clube foi presidido por Beckenbauer, sucedido por Hoeness, ex-diretor geral, que permaneceu no cargo até 2014, quando foi acusado, julgado e condenado por fraudes fiscais, na Alemanha.

Porém, tão logo deixou a prisão, concorreu novamente à presidência do clube e foi reeleito, com 97% dos votos. Detalhe: seu atual diretor executivo é ninguém menos que Rummenigge (foto).

Outro ponto digno de menção é o fato de que o Bayern pode não ter começado a disputar a Bundesliga desde o princípio, mas nunca caiu. Em seu próximo passo, volta a ser fiel a sua história. Seu próximo treinador será o croata Niko Kovac, que defendeu as cores bávaras entre 2001 e 2003. Dentre as principais ligas da Europa, o Real Madrid pode até ser o time com maior número de títulos, mas nenhum país experimenta uma disparidade tão grande quanto a Alemanha. Os 28 títulos nacionais dos bávaros dificilmente serão superados algum dia.

O segundo maior vencedor do certame é o Nürnberg, com nove glórias. À parte disso, a supremacia também se dá porque o Bayern construiu um caminho sólido durante os anos, consolidou bases e princípios, que sempre deram resultados quando buscados. A capital Alemã pode até ser Berlim, mas, quando o assunto são as vitórias no futebol, só se pensa em Munique.



ALEMANHA | POR JESSICA MIRANDA

O MENTOR DO HEAVY METAL DE KLOPP

Como o metal pesado de Jürgen Klopp foi forjado na cidade do Carnaval na Alemanha

Fato pessoal número um: nasci numa segunda-feira de Carnaval. Uma grata surpresa, pois meus pais estavam me esperando para o mês seguinte. Já dois dias antes da quarta-feira de cinzas de 1838, na região sudoeste da Alemanha, surgia outra grata surpresa: a tradição do Carnaval na cidade de Mainz. O ritual se perpetuou nos séculos, recebendo em torno de 500 mil pessoas nos dias atuais, ou seja, mais do dobro dos seus habitantes, torcedores fanáticos do time local, FSV Mainz 05.

Fato pessoal número dois: mantidas todas as proporções, a cada vez que jogo bola eu me lembro de algo que Jürgen Klopp, técnico do Liverpool, disse: "Eu nunca consegui transmitir para o campo o que se passava no meu cérebro. Meu talento era para



a quinta divisão e a cabeça para a Bundesliga”. Na minha mente incessante, vejo passes, movimentações, dribres, enfim, tantas coisas incapazes de serem reproduzidas com rapidez por este corpo.

Vamos conectar os fatos pessoais e transformá-los num relato do futebol alemão. O FSV Mainz 05 foi o último clube de Jürgen Klopp como jogador e o primeiro como técnico. Esta é a história de como um pequeno e simpático clube, de cidade minúscula e vibrante, alterou a vida do técnico mais intenso da atualidade.

Anões, mas alegres

Mainz é a capital de um dos estados do país, a Renânia-Palatinado – nome este que provavelmente nunca ouvira falar. A proximidade geográfica de Mainz com a cidade de Frankfurt resultou numa rivalidade entre os torcedores dos times locais, Mainz 05 e Eintracht Frankfurt.

Porém, até meados dos anos 90 esta disputa tinha um caráter paterno, daqueles de dar pena. Enquanto as águias estiveram na primeira divisão desde a criação da Bundesliga, em 1963, o FSV peregrinava em divisões inferiores, com uma capacidade econômica bem limitada, para não dizer nula. Com dedicação, trabalho e também um pouco de sorte, porém, o time de Mainz chegou às últimas rodadas da segundona alemã, em 1996/97, com chances reais de ser promovido.

Em seu elenco, contava com o atacante Jürgen Klopp, contratado em 1990 – no final de sua carreira, Klopp foi recuado para a defesa, jogando como lateral direito para aproveitar sua altura e força física. O Mainz 05 terminou em quarto lugar, a quatro pontos do acesso. Ao menos ficou à frente de seu rival do Eintracht Frankfurt, rebaixado pela primeira vez na temporada anterior.

A crueldade da Bohemia

A alegria dos torcedores do Mainz durou pouco. Um ano após não conseguir retornar à elite, o Eintracht sagrou-se campeão da segundona. E nada do FSV conquistar uma vaga



para a Bundesliga. Neste intervalo, o suíço Wolfgang Frank foi contratado. Sem voluntariamente saber, a semente do sucesso foi plantada. E Klopp colheu os frutos anos depois.

Quando Frank chegou, no começo da temporada de 1995/96, o Mainz era o lanterna da 2. Bundesliga. A situação não melhorou logo de cara. A mudança precisaria ser mais drástica, afetar a liga como um todo. Assim, a figura do líbero, característica do futebol alemão até a virada do século XX, foi extinta.

A marcação deixaria de ser homem a homem, passando a ser feita por zona, a partir da movimentação da bola, treinada na prática com a pausa de inverno. Mesmo com a melhor campanha do retorno, a pífia participação na primeira parte do campeonato deixou a permanência na segunda divisão ser decidida na última rodada, assegurada com uma vitória pelo placar mínimo.

A mudança de postura tática de Frank implicou também na mudança de postura mental da equipe de Mainz, sempre acostumada a ser vista como o time camarada, da festança, que não faz mal a ninguém. A busca pela promoção à Bundesliga, então, se tornaria realidade.

relvado #3

Para tanto, a diretoria do clube também precisava mudar; investir na melhoria básica do estádio, por exemplo, era uma das recomendações de Frank.

O técnico não cobrava apenas a diretoria do Mainz. A sua exigência interior era estrondosa e desproporcional. E, então, apesar de retornar para o segundo turno na vice-liderança da competição, bastaram duas derrotas seguidas para que Frank se demitisse da equipe. Nada tirava de sua cabeça a culpa exclusiva pelos fracassos. A saída de Frank ocasionou a contratação de técnicos com curta trajetória. O substituto imediato, Reinhard Saftig, bagunçou a equipe.

Ainda assim, a emoção no limite da sanidade estava garantida novamente na última rodada para a cidade de Mainz – dessa vez, um confronto direto do time com o Wolfsburg pela promoção. Um ponto atrás dos lobos, o Mainz precisava da vitória, que não veio – Klopp chegou a marcar no placar bailarino de 5 a 4.

Demitido, Saftig se aposentou da área técnica. Em seu lugar assumiu o austríaco Dietmar Constantini. Com uma linha de quatro e um líbero, o técnico ficou conhecido como Rei dos Empates.



Era abril de 1998 quando Frank recebeu uma ligação para voltar a dirigir a equipe, aquela que não deveria ter largado dois anos antes. Salvou-a do rebaixamento outra vez e terminou as temporadas seguintes na sétima e nona colocação, resultados muito além da estrutura do clube.

Sem adentrar em juízo de valores, o técnico suíço sentiu ser a hora de trabalhar na Bundesliga. Este seu objetivo não poderia ser alcançado se continuasse em Mainz. Trocou o clube pelo MSV Duisburg com esse intuito. Seus métodos atípicos e intensos não agradaram os jogadores das zebras e ele foi demitido. Já o Mainz, também sofria sem Frank. Em um ano, contratou quatro treinadores. A equipe estava no fundo do poço, novamente.

A solução haveria de ser caseira. Seu corpo já dava sinais nítidos de que a aposentadoria estava a caminho. Klopp precisou apenas de um incentivo da diretoria. Contando com o apoio dos jogadores, retomou as práticas do antigo treinador. Frank o havia recuado até encontrar uma zona confortável para que o combatente Klopp funcionasse.

Durante os anos como jogador, o alemão pôde absorver bastante conhecimento tático, em especial com Frank. Continuou amigo dele e de sua família e, ao chegar na final da Champions League com o Borussia Dortmund, não esqueceu de mandar uma mensagem de agradecimento pelos ensinamentos de Frank. Poucos meses depois, o mentor de Klopp morreu em decorrência de um câncer no cérebro. "Mainz é sua", dizia a faixa abaixo do mosaico erguido em homenagem ao treinador, no jogo seguinte à sua morte.

Em 28 de fevereiro de 2001, para surpresa de todos, Jürgen Klopp era anunciado como jogador-técnico do Mainz. Na sua primeira temporada completa como técnico, ficou a um ponto da promoção. Já na segunda, uma crueldade ainda pior estava a caminho de Klopp: um gol nos acréscimos do Eintracht, em outra partida simultânea, decretava a promoção do clube de Frankfurt pelo saldo. Na terceira tentativa, em 2003/04, Jürgen finalmente conseguiu o acesso à Bundesliga, começando a trilhar a carreira intensa, heavy metal, bem conhecida para os admiradores da bola.



PORTUGAL | POR WLADIMIR DIAS

BRAGA: A AFIRMAÇÃO DA QUARTA FORÇA DE PORTUGAL

Equipe escancara as dificuldades de brigar com o trio de ferro nacional, mas mostra que é possível lutar

Não é novidade para ninguém o fato de que em Portugal imperam Benfica e Porto, seguidos de perto pelo Sporting. Foi assim durante toda a história e segue sendo essa a dinâmica atual dos relvados lusitanos. Além do famoso trio, apenas Belenenses e Boavista já conquistaram o campeonato português e somente em uma ocasião cada. Isso não quer dizer que não exista tradição futebolística em outros cantos do país. Nesse sentido, a região do Minho, ao norte, acaba sendo uma das proeminentes. E é de lá que vem a força do Sporting Clube de Braga.



O clube alvirrubro não conta com um grande histórico no que diz respeito a títulos. A primeira glória relevante foi a Taça de Portugal, em 1965/66. Demoraram mais de 40 anos até que a equipe conseguisse outra conquista nacional – o troféu da Taça da Liga, de 2012/13. Entretanto, antes de voltar ao lugar mais alto do pódio, o time já vinha dando mostras de muita força, indicando que as vitórias não tardariam a retornar. Nada acontece por acaso.

Renovando as estruturas rumo a um maior profissionalismo

Quem, em 2004, já tinha no mínimo os seus dez anos de idade e amava o futebol, certamente se lembra do gol solitário de Angelo Charisteas, que obrigou Portugal a esperar mais 12 anos por seu primeiro título europeu. Apesar do infortúnio na decisão, o país experimentou uma revolução estrutural. Tendo sido sede da Euro, viu muitos estádios serem erguidos, dentre os quais o Estádio Municipal de Braga, sempre lembrado por sua rara beleza – é flanqueado, de um lado, por árvores, e, do outro, por uma pedreira.

Cabe o adendo de que a construção não é algo qualquer. Seu arquiteto, Eduardo Souto de Moura, conquistou o Prêmio Pritzker em 2011, o qual é, muitas vezes, considerado o “Nobel de Arquitetura”. Naquela altura, o exemplo de obra do artista reverenciado foi justamente o Estádio Municipal de Braga.

O campo acabou se confirmando a nova casa do Braga, que deixou o antigo estádio 1º de Maio, seu lar entre 1950 e 2003. Conjuntamente com a construção de novas infraestruturas, a mudança teve papel importantíssimo na retomada dos rumos da equipe. É nesse sentido que recorda o jornalista bracarense e torcedor do clube, João Lobo Monteiro, entrevistado pela Relvado:

“Mais do que a construção do novo estádio, a construção da academia e do centro de estágio – que ainda não estão completos – é a grande obra que mostra o crescimento do Braga, porque concentra as categorias de base e as equipes profissionais, bem como toda a estrutura diretiva e as outras

modalidades que não o futebol, tudo no mesmo lugar [...]. A mudança para o Estádio Municipal representou uma evolução no que era o profissionalismo existente no Braga. Lembro-me de haver alturas em que o Braga tinha de andar à procura de campos para a equipe profissional treinar, porque não podia gastar o gramado do 1.º de Maio, o antigo estádio”.

Curiosa mas não surpreendentemente, o velho dilema que acompanha as mudanças de estádio mundo afora também se fez presente em Braga. O entrevistado pontuou que a recepção pública da nova casa não foi a melhor, por mais bela e moderna que fosse.

Isso se deu por vários e relevantes motivos, dentre os quais se destacam o frio e o desconforto do recinto, e, acima de tudo, as dificuldades de acessibilidade, uma vez que a construção fica fora da cidade, diferentemente do campo anterior que “ficava no centro [...], quem quisesse até podia ir a pé”.

Este acabou sendo o que convencionalmente se usa chamar de “preço do progresso”. Para competir, o Braga precisava se renovar. Objetivando isso, não havia forma de permanecer na velha casa, sem as melhores condições de treinamento e jogo.

Escolhendo bem seus membros

Outro ponto fundamental na ascensão do clube acabou sendo a política de contratações desenvolvida. Há pouco mistério nessa questão.

O sucesso da equipe é diretamente vinculado à presença de estrangeiros de pouco prestígio – ao menos em um primeiro momento.

Nesse sentido, foi sendo forjada uma relação forte com os jogadores brasileiros. Explicou o jornalista que muitas das vezes o time não precisou ir longe para encontrar seus talentos, só teve de estar atento: “quase todos [...] já estavam no futebol português antes de virem para o Braga, pelo que os adeptos também já os conheciam, mesmo que não lhes prestassem tanta atenção”.



Ainda que tenha também revelado a existência de certa resistência popular à montagem de elencos compostos por muitos brasileiros (no imaginário de muitos torcedores, a união deles pode tornar o clube em uma “escola de samba”), o certo é que o clube não teria subido tanto o seu padrão de qualidade sem o talento verde-amarelo: “a temporada em que chegamos à final da Liga Europa e, antes disso, à fase de grupos da Champions, desmentiu um pouco essa ideia, porque tínhamos mais de 10 brasileiros no plantel”.

Dois deles acabaram conquistando um lugar eterno nos corações dos torcedores do Braga – estes lembrados por uma alcunha especial: Gverreiros do Minho. Tratam-se de Alan e Vandinho, ponta direita e volante do grande time que o Braga alinhou nos últimos anos.

Além deles, acabaram passando pela equipe do norte português, com destaque, jogadores como o polivalente Leandro Salino, o atacante Matheus, o goleiro Artur Moraes, o lateral esquerdo Ismaily e o atacante Lima.

Mas a mágica bracarense não se explica somente dentro das quatro linhas. Também é preciso dar méritos à direção, que tem acertado em cheio na escolha dos treinadores do clube. Segundo

o periodista, isso deve-se, em grande medida à “capacidade negocial do presidente António Salvador [...] é muito por ele que o Braga cresceu como cresceu desde que ele entrou, em 2003”.

Outro ponto destacado foi um certo efeito de bola de neve, gerado a partir da melhora dos resultados da equipe: “esse crescimento do clube e a projeção que já tem a nível nacional e internacional fazem com que os treinadores vejam o Braga como um degrau entre um clube menor e outro maior”.

Assim, por lá passaram grandes nomes, como Jorge Jesus, Leonardo Jardim, Paulo Fonseca, Domingos Paciência e, o atual, Abel Ferreira, de quem se espera muito e que já na temporada 2017/18 entregou bons resultados. O Braga terminou o campeonato nacional na quarta colocação, três pontos atrás do Sporting e foi eliminado nos 16 avos de final da Europa League para o finalista Olympique de Marseille.

Os resultados

Foi assim que a equipe voltou às cabeças. No período entre 2003 e 2018, foi uma vez vice-campeã nacional (2009/10), conquistou a Taça da Liga (2012/13), a Taça de Portugal (2015/16, ano em que se celebrou o cinquentenário da primeira conquista desse troféu), disputou a Liga dos Campeões e foi finalista da Liga Europa (2010/11).

Durante esse tempo, é bom ressaltar, inclusive, que as piores classificações obtidas no campeonato português foram os atípicos 7º lugar, de 2007/08, e 9º, em 2013/14 – o qual provocou a única ausência do time em competições europeias desde 2004/05.

Perguntado a respeito do orgulho advindo desses resultados, João Monteiro apontou o título da Taça de Portugal como o momento mais importante, tanto pela representatividade da conquista quanto pelo valor da efeméride.

“Calhou de ser no dia 22 de maio, precisamente no mesmo dia em que, 50 anos antes, tínhamos conquistado a primeira e única Taça de Portugal da nossa história, e porque vínhamos de uma

experiência traumatizante no ano anterior, em que, também na final da Taça de Portugal, estivemos a ganhar 2-0 ao Sporting até aos 85 minutos, com o Sporting a ter um jogador expulso, e mesmo contra 10 deixamos que eles empatassem e depois ganhassem nos pênaltis”.

Embora pareça o resultado mais relevante, o vice-campeonato da Liga Europa acabou carregando consigo um certo desprestígio em função da derrota e por ter sido contra o Porto, o que acabou dando um carácter “doméstico” à decisão. É claro também que as duas disputas da Liga dos Campeões têm valor imenso, sendo recordadas como a vivência de um sonho.



Em que pese todo o valor dos resultados obtidos no campo, já se nota outro, que talvez carregue consigo uma importância de outra grandeza. Apesar do estádio não ter tido a melhor recepção possível pelos torcedores do Braga, os êxitos esportivos conduzem o time a viver uma experiência nova e singular.

Em um passado não tão distante, até a década de 90, a cidade de Braga era conhecida como um reduto de benfiquistas, como

indicou o entrevistado. Em que pese um certo caráter de mito, esse fato é amplamente difundido e tem se modificado.

“Atualmente, Braga é do Braga e o fato mais notável são as crianças: na rua vêem-se cada vez mais crianças com camisas do Braga, e, no estádio, a maior parte dos adeptos são adolescentes e jovens adultos [...] O próprio clube fez essa aproximação, já há uns anos que há regularmente iniciativas em escolas da região, levando jogadores às escolas, que entregam bilhetes de jogos às crianças e também propostas para se tornarem sócias”.

Os resultados provocaram o aumento da torcida e a melhora nas médias de público – que têm crescido desde a temporada 2013/14 – tende a ajudar o clube a se manter em alta.

A evolução esportiva do clube tem conseguido enfraquecer a influência do trio (Benfica, Porto e Sporting) na cidade de Braga.

As dificuldades para ser ainda mais e o sonho

Apesar de toda a aura positiva que ronda o clube nos últimos anos, as dificuldades para dar um passo adiante são reais e não podem ser ignoradas. As cifras de que os três gigantes portugueses dispõem para gastar são obscenamente maiores em relação àquelas que possuem os demais, bem como o destaque midiático (há cobertura diária dos três na maior parte dos meios de comunicação).

Além disso, existe outra questão inevitável e que decorre das diferenças econômicas entre os clubes. O Braga ainda não conseguiu deixar de ser um time “descobridor” e “vendedor”. Ou seja: vive em constante reformulação, o que aumenta o seu mérito no longo prazo, mas torna muito mais difícil a missão de continuar evoluindo. Alguns expoentes dessa realidade acabaram sendo o atacante Lima e o português Rafa, ambos vendidos ao Benfica.

Há, alegadamente, um outro problema, que o Braga comunga com os demais clubes que não os rivais lisboetas e o Porto: a arbitragem. Sobre isso, João Monteiro ofereceu um exemplo prático, ocorrido em 2009/10.

“O Braga lutou pelo título até à última rodada. No jogo contra o Benfica, em outubro, que o Braga ganhou por 2-0, houve uma confusão no túnel de acesso ao relvado. Depois de muito analisar as imagens, o Conselho de Disciplina [uma espécie de STJD] decidiu em fevereiro (!), no dia seguinte ao fecho do mercado de transferências, punir o Vandinho durante 3 meses por uma suposta tentativa de agressão ao técnico auxiliar do Benfica, e o [Márcio] Mossoró por três jogos por ter agredido um jogador – um desses três jogos seria contra o Porto”.

Mas o Braga, contra todos esses problemas, segue seu caminho de afirmação. “Consistência” tem sido a palavra de ordem na corrida pela realização de um sonho muito bem definido: o título do campeonato português: “O presidente disse, há um ano [...] que queria fazer do Braga campeão nacional até o centenário, ou seja, até 2021. Recentemente, o treinador renovou contrato, precisamente até 2021. A grande ambição de toda a gente, da direção até os torcedores, é ser campeão nacional”.

Há ambição e bom trabalho sendo feito. Sonhos parecem loucura a princípio, mas podem se tornar realidade. Será que em 2003 alguém, em sã consciência, diria que o clube chegaria onde chegou, afirmando-se a quarta força de Portugal e ameaçando o duradouro império de Benfica, Sporting e Porto?





JAPÃO | POR FELIPE PORTES

A HISTÓRIA DA J-LEAGUE SEGUNDO ALCINDO SARTORI

Nos 25 anos de criação da liga profissional do Japão, batemos um papo com o ex-atacante que foi pioneiro e rei do carisma

Um baixinho cabeludo e com calvície despontando no topo da cabeça olha para o horizonte, totalmente uniformizado com sua indefectível camisa 7, sozinho no meio de um estádio. O vento bate nos cabelos, e ao longe, um japonês maluco segura uma bandeira com um número de telefone. A câmera gira ao redor dele, um ícone, um ídolo instantâneo.

“Alcindo! Alcindo!”, diz o japonês, com o rosto pintado com as cores do Kashima Antlers. O close da câmera mostra a calvície enquanto Alcindo posa de peito inflado, encarando o vento. O mesmo japonês corre, agora com outra bandeira, apresentando uma logomarca da Agress.



De repente, Alcindo aparece em outro plano, com o mesmo uniforme, no mesmo lugar, agora com a cabeça plenamente coberta por uma peruca. É um milagre. Acabaram-se os problemas. Corta para o japonês, com aquela bandeira expondo um número de telefone. Agora ele grita "Agress! Agress! Agress!". Era uma linha de perucas especiais. Pura maluquice.

Esse é apenas um dos comerciais feitos pela Aderans, vice-líder no mercado de perucas e implantes capilares no Japão até 1993. Com a chegada de Alcindo Sartori para o Kashima Antlers, a vida da empresa e do próprio jogador ficaram ligadas para sempre.

Alcindo virou garoto-propaganda da Aderans, estrelando peças publicitárias carregadas de um humor peculiar dos japoneses e suas falas espalhafatosas. Uma hora encontrava alguém no trem e notava uma falha capilar. Em outra, era um garçom de salão de karaokê, apontando queda capilar de um cidadão qualquer.

Todas elas são muito engraçadas, e para que se entenda a magia de cada peça, fomos atrás do intercambista Mizuki Yamaguchi, um japonês nativo de Osaka que veio para Curitiba em 2018 a fim de fazer cursos de línguas.

Mizuki, como todo bom nipônico nascido nos anos 1990, é apaixonado por futebol, especialmente pelo Gamba Osaka. E pela lenda dos brasileiros que ajudaram a J-League a expandir e se consolidar no cenário internacional.

Mas antes de pedir a ele que resolva a charada das propagandas da Aderans, talvez seja mais interessante entender o trabalho e a contribuição de caras como Alcindo para a rápida evolução dos japoneses. Então, para isso, voltamos novamente ao ano de 1993.

A fundação do projeto centenário da J-League

Impulsionada por estrangeiros divididos entre as equipes formadoras da primeira competição profissional do país, a J-League nasceu em 1992 com o ambicioso projeto de alavancar o Japão a um patamar de destaque internacional. Como grande

destaque, ao menos para quem era do Ocidente, o Kashima Antlers despontava entre os clubes fundadores, contando com Zico, Alcindo, Carlos Alberto Santos e outros.

Posteriormente, Leonardo e Jorginho, presentes no Tetra na Copa de 1994, assinaram com o Antlers. O Brasil já tinha uma relação forte com a equipe e, com o passar dos anos, isso se manteve. Não só com atletas, mas também com técnicos como Oswaldo de Oliveira, Edu Coimbra, Paulo Autuori, Toninho Cerezo e o próprio Zico.

Não foi fácil e rápido obter resultados, mas os japoneses escolheram as peças certas para fazer o projeto decolar. Zico, que estava aposentado desde 1989, foi o atleta de maior projeção do período e chegou a Kashima ainda na época em que a agremiação era chamada de Sumitomo Metals. Para a estreia na J-League, foi rebatizada como Kashima Antlers, nome pelo qual a conhecemos hoje.

Junto do ídolo do Flamengo, outros jogadores estrangeiros inauguraram a liga japonesa, que teve forte investimento financeiro em sua primeira década. É claro que craques locais também tiveram parte nisso, como o naturalizado Ruy Ramos, o astro Kazu Miura e nomes como Tsuyoshi Kitazawa, Masami Ihara e Masashi Nakayama.

Mas o grande impacto foi mesmo causado pelos que vieram de fora: Alcindo (Kashima Antlers), Bismarck e Amoroso (Verdy Kawasaki), Edu Manga (Shimizu S-Pulse), Ramón Díaz (Yokohama Marinos), Sergei Aleinikov (Gamba Osaka), Raúl Amarilla (Yokohama Flügels), Pita, Jorginho Putinatti e Lineker (Nagoya Grampus) e Pierre Littbarski (JEF United).

O plano da federação é de longuíssimo prazo: a ideia é profissionalizar pelo menos 100 clubes em diversas divisões nacionais até o ano de 2092. Para eles, pensar no futuro é coisa séria. Aliás, poucos países no mundo possuem uma visão tão avançada quanto a dos japoneses. A largada, com 10 clubes, aconteceu em maio de 1993. A potência na época, era o Verdy Kawasaki de Kazu, Kitazawa, Ruy Ramos, Bismarck e Amoroso. O primeiro turno, a Suntory Series, teve o Antlers como vencedor.



O retorno, chamado de Nicos Series, consagrou o Verdy. Na decisão entre eles, vitória do Verdy por 2 a 0 na ida e empate por 1 a 1 na volta.

O público aceitou muito bem a emergente J-League, frequentando estádios em bom número e testemunhando aquela nova paixão dos japoneses. A média de gols também foi boa na primeira disputa: 2,95 tentos por partida. Ao todo, foram 536 gols em 182 confrontos. O melhor ataque foi o do campeão Verdy, com 75 gols marcados, seguido de perto pelos Antlers, com 73.

Uma regra, em especial, alavancou a emoção do campeonato: não havia empate. Caso os dois times saíssem de campo em igualdade, o jogo ia para a prorrogação, com morte súbita.

Naquele momento, em especial, o Japão vivia a expectativa de estreiar em uma Copa do Mundo. Em 1993, a seleção dos Samurais Azuis empatou com o Iraque em 2 a 2 na última rodada e viu a Coreia do Sul beliscar a última vaga asiática para a Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos. Lembrada como "A Agonia de Doha", a frustração ficou ainda maior pelo gol de

empate iraquiano ter acontecido no último minuto da segunda etapa. Um drama que os japoneses jamais esquecerão.

Quatro anos depois, muita coisa mudou. A J-League era atraente para jogadores na fase final de suas carreiras e povoada por brasileiros. E o Japão finalmente marcou presença em uma Copa do Mundo, na França. A queda na primeira fase, contudo, não foi nenhuma surpresa para a torcida.

A legião brasileira que encantou os orientais

Fato é que a moda da J-League pegou no Brasil. Com VTs transmitidos pela Cultura nas duas primeiras temporadas, o público brasileiro conheceu melhor aqueles clubes japoneses e seus craques brasileiros.

Depois de 1993, abriu-se o caminho para uma verdadeira legião de craques como Leonardo, Bebeto, Dunga, César Sampaio, Evair, Zinho. Não à toa, o Kashima Antlers era o mais popular. Ao lado de Zico, um certo baixinho de cabelos longos fez sucesso.

Alcindo Sartori defendeu Antlers, Verdy Kawasaki e Consadole Sapporo em sua trajetória pelo futebol japonês, entre 1993 e 1997. Falamos com ele sobre essa experiência e suas nuances, e também sobre a motivação para desbravar um país desconhecido, e, até então, sem tradição alguma no esporte.

O camisa 7 teve papel crucial na campanha vitoriosa do Antlers no título da Suntory Series, o primeiro turno da J-League, em 1993. Potente no ataque e com uma defesa sólida, a equipe de Zico e Alcindo marcou 41 gols e só sofreu 18, marca que ajudou na disparada rumo à liderança, com 39 pontos, seis a mais do que o Yokohama Marinos, o vice.

Na Nicos Series, porém, o Verdy Kawasaki predominou e faturou o turno, classificando-se para a final nacional, chamada Suntory Championship. No duelo com o Antlers, o Verdy levou a melhor em dois jogos. Na volta, Zico foi expulso por cuspir na bola antes da cobrança de um pênalti. O craque e capitão do Antlers reclamava da arbitragem e do fato de que o Verdy pôde jogar as duas partidas em Tóquio para decidir o título. No

agregado, 3 a 1 para os alviverdes de Kazu, Kitazawa e Ramos. Alcindo, pelo Antlers, marcou um gol no jogo de volta. Ao todo, balançou as redes 27 vezes no ano.

Gols e reconhecimento

As coisas melhoraram para o camisa 7 depois disso. Vice-artilheiro da Liga em 1994, marcou 28 gols e ficou a apenas dois do alemão Frank Ordenewitz, do JEF United. O reconhecimento pelo futebol jogado foi enorme. E as propagandas ajudaram na popularização. Foram quatro anos no Japão. Em 1995, Alcindo assinou com o Verdy e manteve o bom desempenho, com 20 gols em 40 partidas. Mas a potência dos bicampeões foi batida pelo forte Yokohama Marinos de Masami Ihara, Ramón Medina Bello e David Bisconti.

Em 1996, Alcindo foi para o Consadole Sapporo, mas várias lesões e um convite do Corinthians atrapalharam a passagem. Foram apenas cinco jogos e um gol. O problema das contusões se repetiu no Timão e no Fluminense, e em 1997, o atacante retornou ao Japão para uma última temporada pelo Verdy.

O elenco era quase o mesmo do bicampeonato em 1993 e 94, mas os grandes craques envelheceram e o time não conseguiu manter o ritmo, não se renovou e acabou ficando na parte de baixo da tabela. Em campo, Alcindo teve alguns meses de bom desempenho até lesionar o tendão, antecipando sua aposentadoria. Desanimado, optou por parar de jogar.

Campeão da Suntory Series e da Pepsi Cup em 1993 (com o Kashima Antlers) e da Xerox Super Cup em 1995 (com o Verdy Kawasaki), Alcindo utilizou do carisma para conquistar de vez o público japonês. E não foi só com o Kashima Antlers que ele fez sucesso.

Entrando para o folclore japonês

Estrela de diversas propagandas, atuou em campanhas pela fabricante de perucas Aderans, pela Pepsi e pela Nissin, em uma bizarra propaganda de lamen instantâneo na qual se fantasiou de lutador de sumô.

relvado #3

A curiosidade permaneceu por alguns dias. Fui atrás das tais propagandas no Youtube, contei com a ajuda do infalível Google Tradutor para refinar a busca em japonês. As mais engraçadas, de longe, são as da peruca. Alcindo, em algumas delas, falava algo como "no ke ke!", e isso me intrigou bastante.

Para essa missão, escalei Mizuki, companheiro das peladas semanais, para traduzir. Segundo ele, os bordões de Alcindo eram "Seu cabelo está caindo!" e "Não faça como o Alcindo!", indicando o tratamento da Aderans aos japoneses. A vinheta com o telefone disposto na tela foi um sucesso imediato,



alavancando a marca para a liderança do mercado. Antes de Alcindo, a Aderans era a vice-líder no segmento de perucas e implantes capilares. Foi uma parceria de enorme sucesso para ambos. Curiosamente, depois disso, o nome Alcindo virou uma espécie de apelido, sinônimo de calvície, conta Mizuki.

Esse reconhecimento transcende as décadas. Nascido em 1996, Mizuki sequer viu Alcindo em campo. Mas lembra do brasileiro pelo aspecto cult e pela admiração intensa que os japoneses têm pelo ex-camisa 7. Simpatizante do Santos no Brasil, Mizuki confessa ser fã de Keisuke Honda e Shunsuke Nakamura, ícones japoneses de uma geração que ficou famosa após o boom da Copa do Mundo de 2002.

O rosto de Alcindo correu o Japão entre 1993 e 1995, durante o seu auge desportivo. O cabelo também remetia a um personagem do folclore nacional, o Kappa, um demônio que vive debaixo da água e possui um buraco na cabeça, muito parecido com a calvície de Alcindo.

Juntando a popularidade do jogador com a do Kappa, não demorou para que o brasileiro fosse apelidado como o monstro, algo que ele guardava com muito carinho, inclusive quando recebeu as chaves simbólicas da cidade de Izumo, onde corria a lenda do Kappa.

Apesar de parte do mito do monstro não ser exatamente positiva em relação aos humanos, Alcindo ganhou uma conotação diferente: tocar na sua careca era sinal de sorte. E assim, o craque do Kashima Antlers se converteu em Aru-shindô, o Kappa. Essas e outras histórias são contadas pelo próprio Alcindo, que gentilmente nos respondeu a várias perguntas (e em vários dias diferentes) por meio do Whatsapp.

Cabe aqui um elogio à disponibilidade do ex-jogador, que sempre nos atendeu com muita educação e paciência. Sobretudo em um dia que ele estava na praia e, mesmo assim, fez questão de bater um papo pelo celular. Não imaginamos qualquer outro jogador fazendo algo parecido.

Confira na íntegra a entrevista que fizemos com ele.

ENTREVISTA | POR FELIPE PORTES

"ARU-SHINDÔ, O KAPPA"

Relvado: O que motivou a sua ida ao Japão? O Kashima Antlers tinha um projeto ambicioso. Como o Zico ou o clube te convenceram a fazer parte disso?

Alcindo: Ele [Zico] já estava lá há um ano e meio, acho. Falou que o plano era iniciar o futebol profissional, que era uma nova fase na minha vida. Era uma grande oportunidade de me apresentar em um país com grande futuro em relação ao futebol. Ele confiava no meu trabalho, por termos jogado juntos no Flamengo. Esse foi o principal motivo... e também grana, né? Fui ganhando bem mais do que ganhava no Brasil.

Qual era a expectativa? Vocês, como pioneiros, pretendiam desenvolver o futebol no Japão e conquistar títulos por lá, ou o lado competitivo ficou em segundo plano?

Com certeza. Fomos para lá para ganhar. Lembro que Zico se reuniu comigo, com Carlos Alberto Santos [ex-Botafogo] e outros dois meninos, Régis e Carlinhos, que estavam nos juniores e falou: "Vamos começar aqui a Liga, jogar para ganhar, deixar nossa história, se pudermos, é um excelente passo". Vi isso com uma força, uma vontade muito grande de vencer. Aproveitei cada oportunidade que tive no primeiro ano, tanto é que me tornei vice-artilheiro do Campeonato Japonês (15 gols) e líder em assistências. Daí veio o destaque, a equipe foi melhor preparada.

Como era o cenário do futebol japonês quando vocês chegaram? Havia dinheiro, certamente, mas os planos estruturais eram em longo prazo ou você vê isso como o futebol chinês de agora, primeiro os craques, depois o resto?

Quando eles [japoneses] se prepararam para iniciar a era profissional, o movimento veio com muita força. Em dois ou três jogos no primeiro ano, os estádios estavam cheios. A inteligência deles foi ter levado o Zico do Brasil, o Littbarski da Alemanha, pra outra equipe, o Lineker, Totò Schillaci [chegou em 1994 ao Jubilo Iwata], Ramón Díaz, o argentino, e assim sucessivamente.

Pegaram um ídolo de cada país e distribuíram entre os clubes, para dar uma motivação maior.

Você ganhou o primeiro título da era da J-League [Suntory Series] com o Kashima Antlers. Como foi isso?

Nossa equipe era desacreditada, no sentido de ser a campeã. O Verdy Kawasaki e o Yokohama Marinos eram os favoritos. Nosso presidente nos chamou, antes da temporada, e fez uma reunião. Avisou que pagaria premiação só até o sétimo lugar, e que não interessava para o clube ficar em oitavo, nono ou décimo. Foi aquela loucura! Nossa equipe encaixou, comecei a fazer gols no início do campeonato. Tivemos a infelicidade do Zico ter se machucado, mas os jogadores brasileiros, garotos dos juniores do Flamengo (Régis e Carlinhos) que ele levou, se revezaram enquanto ele se recuperava. Depois o próprio Zico assumiu como treinador, foi a melhor coisa que aconteceu para



a história do Kashima Antlers. Conseguimos ajeitar a equipe, dando um padrão de jogo. Nós perdemos o título no final [Suntory Championship], pro Verdy. Teve aquele lance lá que o Zico cuspiu na bola, e tal. Foi foda. Fomos garfados.

Em 1994, você foi vice-artilheiro, com 28 gols, só dois atrás do Ordenewitz. Foi a sua melhor fase como goleador por lá.

Fui vice-artilheiro em 1993 e 94. Mas aí fiquei como líder em assistência nesses dois anos. O problema, no detalhe, foi não superar o cara lá [Ordenewitz]. Quando ele foi artilheiro com 30 gols, acho que ele marcou sete gols de pênalti, eu marquei só um. Faz diferença, né?

Depois da Era Zico, você chegou a jogar com o Leonardo e o Jorginho? O time sentiu a perda do referencial do Zico ou continuou competitivo da mesma maneira?

Joguei com o Leonardo, que foi para a vaga do Zico. O Jorginho veio para a minha vaga, quando fui para o Verdy Kawasaki. Eu já havia jogado com o Zico no Flamengo e com o Leonardo (Flamengo e São Paulo), então era a minha terceira passagem com ele, no Kashima Antlers. O gostoso de tudo isso é que o Kashima insistiu em nós brasileiros e, até hoje, é o time que mais venceu campeonatos japoneses [oito títulos, ao todo]. Eles devem muito isso aos brasileiros que passaram por lá. Zico fez uma família. Quando contratava jogadores, a dedo, escolhia cada um para jogar bem e também para formar uma estrutura, já que Kashima é uma cidade pequena. Tudo isso valeu a pena.

Posteriormente, chegaram ainda mais brasileiros ao Japão. Dunga, Evair, Zinho, Sampaio. Havia alguma espécie de confraternização entre vocês? Afinal de contas, o Brasil era o mais bem representado naquela época.

Depois que foi o Zinho, o Sampaio e o Evair, a gente acabava se encontrando quando jogava contra, ou marcava aos fins de semana em algum lugar de Tóquio para conversar, tomar uma cervejinha... aliás, o celeiro de craques brasileiros é uma coisa inexplicável, né? Tem atleta brasileiro em tudo que é lugar do mundo!

Na sua última passagem pelo Verdy, em 1997, as coisas já não eram as mesmas. O elenco envelheceu e o desempenho caiu bastante. Conte um pouco sobre isso. Conseguiu fazer gols, apesar dos problemas de lesão, o time simplesmente não rendeu ou a competição subiu de nível?

Não, o time estava com mais idade. Os jogadores eram bons, mas [o clube] precisava de renovação. Em 1997 eu fui bem, fiz 10 gols em meio turno. Só que tive uma lesão grave no tendão e precisei fazer cirurgia. Acabou que não voltei mais a jogar. Desanimei. Mas valeu a pena, pelo aprendizado. Você jogar com atletas de alto nível é muito bom, às vezes precisa é ter uma mescla. O Kashima Antlers fez isso. O Verdy, por exemplo, acabou*, não cuidou das categorias de base.

Sabemos que os japoneses foram influenciados por vocês que chegaram lá primeiro. Nem tanto pelo Ruy Ramos, que estava lá há muito tempo. Em vez de falar sobre o de sempre, talvez seja melhor perguntar: o que você pode dizer que aprendeu com eles?

Você jogar junto com os japoneses é uma coisa. Contra eles, é outra. A dificuldade nossa era essa. Eles são muito obedientes. O que você pedia para eles, taticamente, eles faziam, eles queriam aprender. Tecnicamente, tentavam sempre se aperfeiçoar. Ruy Ramos, para mim, foi um dos grandes nomes da história da J-League, junto com o Zico. Depois veio o restante do pessoal. Ele sofreu muito, pegou todo o início, e teve a oportunidade, depois dos 30 anos, de fazer sucesso e ser campeão com o Verdy Kawasaki. Acredito que ele acrescentou muito ao futebol japonês.

A adaptação aos costumes de lá foi complicada? Conte algumas passagens sobre isso.

A adaptação só me deu problema nos primeiros 30 dias, quando cheguei. Não conhecia nada, mas já tínhamos brasileiros lá. Eu tive o Zico e o Carlos Alberto ao meu lado. Conte também com o Jonas, que havia jogado lá e acabou ficando no Antlers, como intérprete. Tive muitas pessoas que me ajudaram muito, especialmente no primeiro ano. Eu já comia algumas coisas

da culinária japonesa, quando jogava pelo Flamengo, éramos acostumados a frequentar restaurantes típicos. E no mercado tem tudo, você compra e faz em casa, não tinha dificuldade para cozinhar. Uma ou outra coisa faltava. O feijão, por exemplo, levamos daqui. Carne de charque, também levamos. Feijãozinho é tradicional no Brasil, né? Então, no restante, eu entrava em qualquer restaurante. Com o passar do tempo, me acostumei à cultura de alimentação deles e comia qualquer coisa.

O que você acha que o futebol brasileiro poderia incorporar do futebol japonês? Não em termos técnicos, algo extracampo.

Acho que o futebol brasileiro está aprendendo agora. Na nossa época era mais complicado. Só tinha o São Paulo que era muito forte na base, na estrutura. Não pode ter comparação, na minha opinião. Cada país tem sua cultura. O Japão copiou a Europa e por isso se deu bem. Hoje, no Brasil, melhorou muito. Não por causa do Japão, mas por causa desses jogadores que atuam no mundo todo, principalmente na Europa. Então, aqui se tenta fazer algo semelhante aos europeus. Só que, na minha opinião, o Brasil tem matéria de sobra para isso, temos profissionais muito melhores do que lá fora, nesse lado. Você não precisa ir lá fora para aprender. Eles copiaram da gente! O que queremos aprender lá fora?

Qual o jogador local que mais te marcou nesses anos no Japão, pelos três clubes que você jogou? Kitazawa? Kazu? Nakayama?

Foi o Kazu, com certeza. Ele foi um marco no futebol japonês. Depois dele, houve vários. Teve o [Yutaka] Akita, no Kashima, e vários outros, em cada clube. [Masashi] Nakayama... O Verdy era uma potência na época, então não era só o Kazu [Kazuyoshi Miura]. Tinha o [Tsuyoshi] Kitazawa, o Ramos, os brasileiros... Lembro também do [Nobuhiro] Takeda, o [Masami] Ihara... esses jogadores fizeram história.

Você já retornou ao Japão depois do fim da carreira? Como foi a recepção?

Eu estava no Japão e vim para o Brasil para jogar no Corinthians.



O [Waldir] Espinosa era o treinador. Acabei tendo um problema no joelho, fui para o Corinthians, depois ao Fluminense, e voltei ao Japão, por seis meses. A minha ideia era ficar lá por mais tempo, mas tive lesão no outro joelho e fui forçado a parar. Eu fico feliz com toda a minha trajetória no futebol japonês. Não fui só ídolo do Kashima Antlers, fui ídolo de uma nação. Os torcedores todos tinham um carinho especial por mim, em qualquer lugar que eu ia jogar. Até hoje tenho alguns amigos lá, sempre vou ao Japão pelo Kashima Antlers ou para fazer alguma escolinha, isso me deixa muito feliz. O chato seria passar despercebido por um lugar, né? Graças a Deus isso não aconteceu comigo. Tenho muita saudade do Japão, aprendi muito com eles, foi muito boa a minha história lá, fiquei muito ligado com a torcida japonesa em geral, por causa das propagandas que fiz, como a da peruca, do lamen, da Pepsi. Enfim, tudo foi positivo. >>

**Nota do editor: o Verdy Kawasaki conquistou o título do segundo turno da J-League em 1995 e entrou em decadência. Mesmo com Ruy Ramos, Kazu e Alcindo, o time sofreu em 1997, acumulando dívidas monstruosas. Em 2001, a equipe deixou a cidade de Kawasaki e retornou à Tóquio, sendo rebaixada para a segunda divisão quatro anos depois. O clube não disputa a elite desde 2009.*

NR

Antlers

revistarelvado.com.br

@revistarelvado